

Jornal da UNESP

MAIO/93

Universidade Estadual Paulista

ANO VIII — Nº 74

SOCIALISMO



Em busca de novos horizontes

Após a queda da União Soviética e de símbolos como o muro de Berlim (foto), os socialistas repensam suas propostas. Em Marília, um seminário internacional debateu como construir um mundo igualitário. Págs. 3 a 5

Bolsas de estudo: os critérios agora são outros

Pág. 8



Exercícios e natação são usados, com sucesso, no combate à asma. Pág. 12

A sociedade condena, mas os trotes violentos continuam

Pág. 7

Trinta anos de ensino e pesquisa, comemorados em Botucatu. Pág. 11

O pós-plebiscito e a reforma política

Marco Aurélio Nogueira

Com o objetivo de amplificar e enriquecer o debate então em curso sobre forma e sistema de governo, a UNESP promoveu em São Paulo, nos dias 1 e 2 de abril, em conjunto com a Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap), o seminário "Plebiscito, Sistemas de Governo, Reformas Políticas".

Durante dois dias, os cientistas sociais Luiz Werneck Vianna, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Luiz Felipe de Alencastro, Rolf Kuntz, Aspásia Camargo, Renato Lessa, Maria D'Alva Gil Kinzo, Antonio Carlos Robert Moraes, Carlos Estevam Martins, Oliveira S. Ferreira, Maria do Carmo Campello de Souza, Milton Lahuerta, Sergio Henrique Abranches, Regis de Castro Andrade e Armando Barros de Castro examinaram os diversos temas político-institucionais que ocupam a agenda brasileira já há algum tempo e persistem como decisivos para a construção do futuro. Entre eles, ganharam destaque as questões referentes ao federalismo, ao sistema eleitoral, ao sistema partidário, ao Estado e à administração pública, que, aliás, freqüentaram — em posição relativamente subalterna, diga-se de passagem — o debate que antecedeu ao plebiscito de 21 de abril.

Ao longo do seminário, um consenso pareceu emergir das diversas exposições: nenhum sistema ou forma de governo funcionará bem, no Brasil, sem a viabilização de um conjunto de reformas que afetem as esferas da representação (voto, proporcionalidade, vida partidária), do governo e da administração e sejam capazes de atualizar a organização político-institucional brasileira, tornando-a mais compatível com a complexidade e a diversidade adquiridas pela vida nacional nas últimas décadas.

Agora, passado o plebiscito e retirada de cena a disputa sobre forma e sistema de governo, abriu-se espaço para a conclusão da reforma do presidencialismo brasileiro, causa que tem organizado a vida nacional desde meados dos anos oitenta. Afinal, foi para eliminar o caráter imperial do presidencialismo que lutaram todos os democratas desde os anos 70 e foi essa perspectiva que viabilizou o alcance dos maiores resultados da transição para a democracia. A reforma do presidencialismo, nesse sentido, precisa ser anunciada como a conclusão — em nível superior, isto é, "radicalizada" — do processo de democratização iniciado no bojo da transição. Ao invés, portanto, de se baterem contra a indesejável experimentação institucional que teria sido afastada com a derrota do parlamentarismo, devem os presidencialistas vitoriosos no plebiscito apresentarem-se como os principais defensores das mudanças político-institucionais de que o país necessita. O presidencialismo brasileiro só pode progredir e ganhar eficácia no terreno da democracia e da reforma política. Fora dele, será tragado e inviabilizado pelas mesmas práticas e estruturas que o têm amarrado e problematizado desde 1889.

Trata-se, portanto, de reformar a própria tradição republicana brasileira, que se assenta, como é sabido, nos pilares do presidencialismo, do federalismo, do bicameralismo, do multipartidarismo e da representação proporcional. O cenário visível desta reforma está dado: a revisão constitucional. Seus atores principais são igualmente conhecidos: pessoas, idéias e organizações interessadas em dotar o país de instituições capazes de processar democraticamente e com eficácia toda a complexidade societária.

Nessa tradição, o voto popular ocupa um posto de destaque, forjado na luta contra as diversas ditaduras de nossa história. Valor republicano de primeira grandeza, o voto ajudou a construir o que há de democracia e justiça social no Brasil moderno. Por isso, muito da discussão atual concentra-se no sistema eleitoral, nas suas diversas facetas mas particularmente no que diz respeito à correção das distorções da proporcionalidade das bancadas estaduais e à defesa da escolha direta do Presidente da República. Entre nós, o voto direto no presidente tem a ver com uma das grandes tendências históricas de nossa formação como país moderno: qual seja, a de termos tido governos (Estado) mais "reformadores" e avançados do que as composições do Congresso Nacional, quase sempre acorrentadas por interesses retrógrados ou conservadores. Mas hoje, ao mesmo tempo, é preciso contrabalançar

a fixação no presidente com um esforço para recuperar a representação política como um todo, valorizando o Congresso e responsabilizando seus integrantes. Só assim será possível reduzir o conflito entre o Executivo e o Legislativo, recorrente em nossa história por força dos efeitos da fragmentação política do Legislativo e da sobrecarga da agenda do Executivo, repleta de demandas e problemas. A Constituição de 1988 pouco avançou nesta direção: apenas fortaleceu o Congresso e reduziu o "imperialismo presidencial", mas não estabeleceu regras de equilíbrio (ministério demissível pelo Parlamento, por exemplo) ou de co-responsabilidade, nem definiu um elemento capaz de amortecer as relações entre os dois poderes.

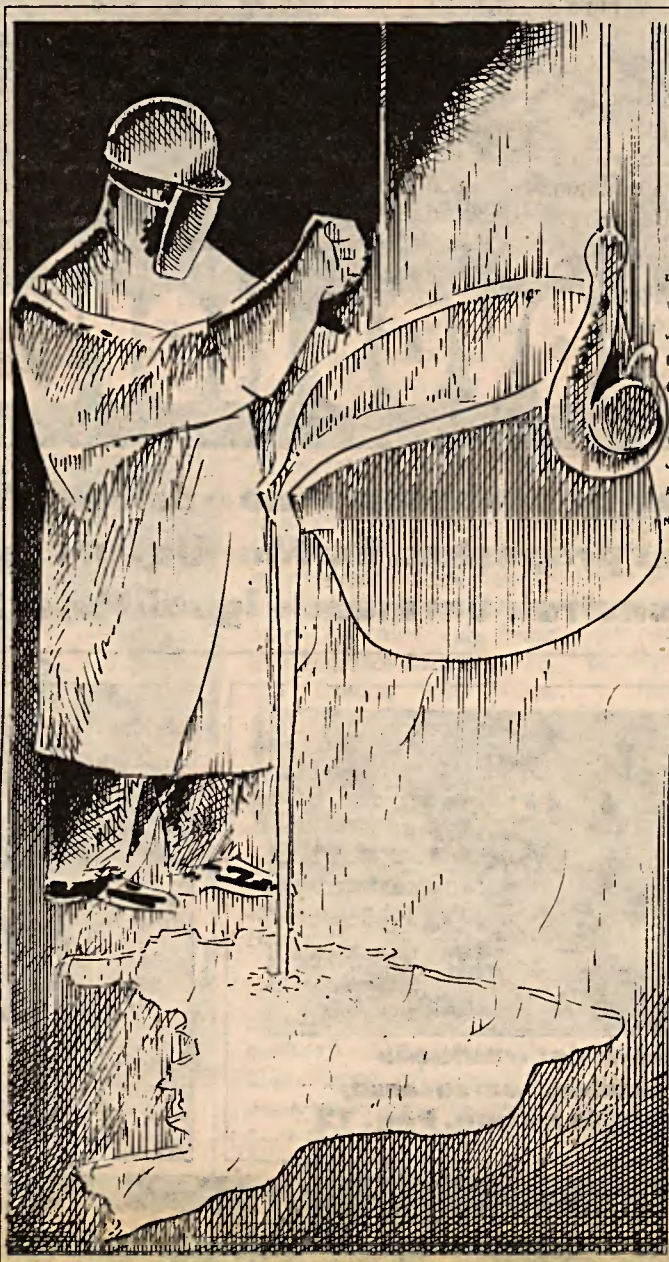
É hora, portanto, de completar a Constituição, dando a ela, entre outras coisas, os recursos através dos quais se possa reforçar e ampliar os mecanismos de fiscalização e controle democrático sobre a ação do Executivo. A verdadeira batalha, neste sentido, não está definitivamente no campo da mudança do sistema ou da forma de governo. Ela se travará no campo das reformas político-institucionais, onde se pode armar uma efetiva solução para os graves problemas do país. Estão aqui postos, para serem enfrentados pela política, pelas organizações, pela universidade, ao menos dois conjuntos de temas fortes. Por um lado a reforma do pacto federativo, de modo a redimensionar o Estado e a centralização

administrativa e colocar sob novas bases toda a estrutura e as práticas do regionalismo brasileiro, recuperando, neste particular, as maiores promessas da nossa incompleta República. Por outro lado, a reforma do sistema da representação política, que inclua, em lugar de destaque, a correção das distorções eleitorais e a plena valorização do voto, a viabilização da competição eleitoral democrática, com a fixação de regras e de uma legislação eleitoral mais vigorosa, e a adoção de mecanismos que reduzam a fragmentação partidária e fortaleçam a vida partidária sem quebrar o multipartidarismo típico de nossa vida política. E, também, que preservem a representação proporcional, sistema que tem sido capaz de expressar as opiniões societárias, educar a cidadania, gerar novas lideranças e permitir que a luta pelo voto alcance um eleitorado geograficamente disperso, levando a ele opções de natureza mais "universal", menos "localista", em tese mais livres das pressões dos tradicionalismos políticos locais.

A perspectiva da reforma política global, em conclusão, parece ser o caminho mais razoável e promissor para o enfrentamento da crise brasileira. Porque é preciso criar as condições para que a sociedade se reencontre com a política, saia do estado de despolitização e descrença, deixe de ficar tão "disponível", tão pronta para ser capturada por promessas "regeneradoras" que tragam consigo um compromisso de "demolição" e "novidade". Mais do que nunca precisamos ser politicamente educados: mergulharmos no campo da construção democrática, da reinstitucionalização do país, da consolidação de valores éticos e políticos superiores.



Marco Aurélio Nogueira é diretor de ensino da Fundap e professor da área de Política da Faculdade de Ciências e Letras do campus de Araraquara



Paulo Zilberman

unesp

Reitor: Arthur Roquete de Macedo
Vice-reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Márcio Rubens Grof Kuchembuck
Pró-reitor de Graduação: Maria Aporecida Viggioni Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: José Ribeiro Junior
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Vogner José Oliva

Jornal da UNESP

Editor Chefe: José Roberto Ferreira
Editores: André Louzas e Paulo Velloso
Redação: Denise Pellegrini, Emi Shimmo, Marcela Burgos e Tânia Belickas
Editor de Arte: Celso Pupo
Fotografia: José Cordeira
Secretário de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Revisão: Francisca Mario Lourenço e Rinalda Milesi
Tiragem: 22.500 exemplares
Este jornal, órgão do Reitoria da UNESP, é elaborada mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou natícios é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Praça da Sé, 96, 6º andar, CEP 01001-900, São Paulo, SP. Telefone (011) 37-7120.
Composição, fotolito e impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP

Comunicado

A Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP informa seu novo endereço: Praça da Sé, 96, 6º andar — CEP 01001-900. São Paulo, SP. Tel.: (011) 37-7120.

O Socialismo se refaz

Com a presença de cerca de oitocentas pessoas, um seminário internacional em Marília mostra que o socialismo começa a superar a crise dos últimos anos, renovando suas propostas para a construção de um mundo mais igualitário

André Louzas



Público do encontro: professores e estudantes universitários do país inteiro



Mesa-redonda: opiniões eram diferentes, mas em geral propunham o fim do capitalismo

Fotos José Cordeiro

A virada das décadas de 80 e 90 foi um momento de grandes desabamentos. Caíram o regime soviético e seus aliados e, com eles, símbolos famosos foram ao chão, como o muro de Berlim. Essas quedas acabaram se associando a outro fenômeno que acontecia nos países capitalistas. Neles, desde o final dos anos 70, avançavam as idéias neoliberais, como as do presidente republicano Ronald Reagan, que enfatizava a mais ampla liberdade para o mercado e impunha cortes nos gastos sociais do governo — da saúde à assistência aos desempregados. Com isso, as concepções socialistas e da esquerda em geral, defendendo a forte presença do Estado na construção de um futuro melhor, pareciam um edifício demolido pela maré dos acontecimentos. No entanto, mais recentemente, fatos como o aprofundamento da crise do capitalismo, que amarga imensos níveis de desemprego, e a eleição nos Estados Unidos do democrata Bill Clinton, com um programa onde volta a crescer a intervenção do governo no processo econômico, derrubam o tom triunfalista da direita internacional.

Dispersas pelo mundo, muitas das questões levantadas pelas espantosas mudanças dos últimos tempos se concentraram em Marília, no mês de abril passado. Nessa cidade, entre os dias 13 e 15, a UNESP promoveu o seminário internacional "Liberalismo e socialismo: velhos e novos paradigmas", que reuniu respeitados intelectuais brasileiros, além de seis convidados de outros países. Apesar das posições políticas variadas, o espectro ideológico dos debatedores apresentava cores definidas: a maioria deles tinha pontos de vista socialistas, propondo a superação do capitalismo. A repercussão do evento, que aconteceu no anfiteatro da Fundação de Ensino Eurípedes Soares da Rocha, superou as expectativas: "O seminário teve a participação de cerca de oitocentas

professores e estudantes universitários, vindos de vários Estados e até da Argentina", confirma Maria Isabel Loureiro, professora da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, e membro da Comissão organizadora do encontro. Os jornais da capital deram boa divulgação ao seminário e a *Folha de S. Paulo*, no dia 17, aproveitou a presença dos intelectuais estrangeiros para realizar um debate no seu auditório.

A FAVOR DO DIÁLOGO

Pelas discussões de Marília, percebe-se que a esquerda sobreviveu aos abalos sofridos e, melhor ainda, aprendeu com eles, reconstruindo tijolo a tijolo o desenho lógico de seus projetos. Um bom exemplo do amadurecimento de concepções é dado por Jacob Gorender, historiador e ex-líder do Partido Comunista Brasileiro. Ele critica o autoritarismo e a concentração de poderes

no Executivo que existiam nos países do Leste Europeu. "Estado de direito e divisão de poderes têm que ser um aspecto essencial de qualquer regime democrático", afirma. Gorender sugere ainda o diálogo com várias das correntes liberais. "Devemos aprender com o liberalismo."

José Paulo Neto, assistente social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, também se diz aberto à troca de idéias com outras linhas de pensamento, embora se mantenha marxista. Na sua opinião, na União Soviética e outros países não houve a democratização do aparelho estatal e da economia, o que inviabilizou uma proposta verdadeiramente socialista. "A socialização do Leste foi mínima, com o poder real centralizado numa burocracia stalinista", analisa. Com um diagnóstico parecido, o sociólogo Antonio Carlos Mazzeo, da FFC/Marília, argumenta que o Estado deve ser controlado

pelas instituições da sociedade civil, como os sindicatos. Além disso, os canais sindicais precisariam estar arejados por uma grande participação dos trabalhadores. "A democracia deve estar dentro da fábrica, não pode parar na sua porta", ressalta.

Baseado nas experiências recentes de seu país, o jornalista russo Boris Kagarlitsky concorda com os brasileiros sobre a importância de se fortalecer o espaço democrático na sociedade (veja quadro nesta página). Entre outras propostas, ele enfatiza que é preciso haver uma organização partidária ampla e um convívio entre a propriedade particular e o setor público. "Temos que aceitar a área privada com um elemento essencial da economia." Kagarlitsky faz questão de lembrar, porém, que o Estado deve comandar o desenvolvimento econômico. "Ao mesmo tempo, as empresas públicas precisam ter uma direção descentralizada, com-



Kagarlitsky: elite mantém seu poder

Assim na Rússia como no Brasil

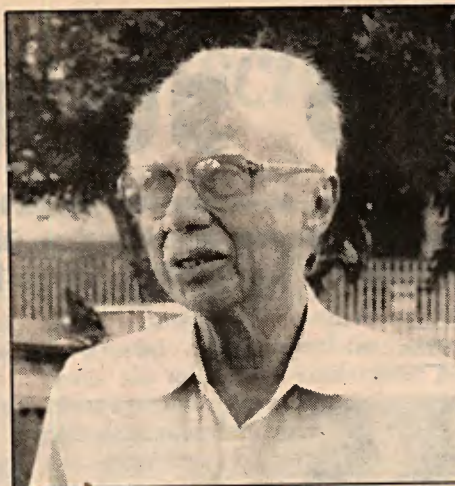
Pelas informações e idéias apresentadas por Boris Kagarlitsky, as semelhanças entre a Rússia e o Brasil são maiores do que parecem. Os brasileiros se acostumaram a ver os mesmos políticos se manterem no poder — Marco Maciel e Antonio Carlos Magalhães são dois dos casos mais conhecidos —, apesar das mudanças ocorridas desde o regime militar. No seu livro *A desintegração do monolito*, recém-lançado pela Editora UNESP, o jornalista russo mostra que as medidas para implantação do capitalismo em seu país são comandadas pela mesma burocracia que dominava o regime soviético. "O principal objetivo das reformas

neoliberais é consolidar os ganhos ilegais da elite do velho Partido Comunista", declara.

Deputado em Moscou pelo Partido do Trabalho, Kagarlitsky também vê muitos pontos de contato entre sua agremiação e o Partido dos Trabalhadores brasileiro. "Nosso partido, como o PT, é ligado aos sindicatos e pluralista, incluindo socialistas, comunistas e social-democratas de esquerda", compara. Ele considera que o PT, o Partido do Trabalho e o Partido do Socialismo Democrático, surgido recentemente na Alemanha, são os símbolos de novas organizações políticas da esquerda.



Vigevani: discussão de temas avançados



Gorender: estado de direito é essencial

Fotos José Cordeiro

postos por representantes dos sindicatos, órgãos governamentais e autoridades locais."

VISÃO POLÊMICA

Mas o encontro de Marília não foi somente uma vitrine de pontos de vista semelhantes ou coincidentes. Também houve divergências e uma das posições mais polêmicas foi a de Robert Kurz, jornalista alemão cujo livro *O colapso da modernização* vem sendo muito comentado. Kurz acredita que a crise da União Soviética, por mais paradoxal que pareça, representa o início do naufrágio dos regimes capitalistas. "A sociedade moderna se organizou para a produção ilimitada de mercadorias", comenta ele.

A polêmica sobre Marx

A pesar de expor divergências, os debates de Marília transcorreram em clima geralmente tranquilo. Uma das poucas exceções aconteceu quando Robert Kurz abordou a questão do marxismo. Entre outras opiniões contundentes, o jornalista alemão disse que o pensamento de Marx, apesar de seu valor intelectual, é parte integrante da história do capitalismo e está impregnado por seus valores — como a noção de progresso, por exemplo. "O marxismo está ligado ao conceito de modernização burguesa, que hoje está em crise", afirmou. "A ideia de revolução marxista vem da Revolução Francesa e se integra num contexto que está chegando ao fim." Presente à mesa-redonda, o economista

marxista Ernst Mandel se mostrou visivelmente irritado com as declarações de Kurz, fazendo caretas e gestos irônicos durante as intervenções do jornalista. "É incorreto dizer que o marxismo faz parte do processo capitalista", retrucou Mandel com veemência. "Os marxistas sempre propuseram o fim do capitalismo."

Maurício Tragtemberg, simpatizante do anarquismo, assinalou que os marxistas cometeram erros que devem ser discutidos. "Marx é um mundo, mas não é o mundo", acentuou o sociólogo da Universidade de Campinas. "Devemos ler também outros pensadores de esquerda, como Proudhon, por exemplo." De acordo com Leon Pomer, historiador da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, a trajetória dos acontecimentos normalmente não confirma as previsões dos grandes pensadores, inclusive de Marx. "O marxismo acreditava que a classe operária transformaria o capitalismo, o que não ocorreu." Ele destaca que, para compreender melhor os processos sociais, é preciso criar uma teoria que leve em conta os complexos fenômenos culturais e as motivações que movem os indivíduos.

Declarando-se marxista, Elmar Altwater, da Universidade Livre de Berlim, recorda que Marx não conheceu vários problemas típicos do capitalismo recente, como as novas tecnologias e a intensa internacionalização do capital. "A questão não é simplesmente preservar velhas propostas do marxismo, mas fazer o mesmo que Marx fez, isto é, estudar o pensamento da burguesia para criticá-lo e superá-lo", comenta.



Kurz: marxismo faz parte do pensamento burguês

construir uma sociedade sem explorados ou exploradores. Um dos maiores economistas marxistas vivos, Ernst Mandel, da Universidade Livre de Bruxelas, propõe um conceito de classe abrangente: "Hoje, o proletariado envolve todos os que são obrigados a vender sua mão-de-obra, inclusive os assalariados intelectuais", resume. Para o sociólogo Marcelo Ridenti, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, a definição de trabalhador — cujos interesses devem ser o norte das transformações sociais — precisa envolver o conjunto dos que vivem de salários. "A classe trabalhadora, portanto, engloba atualmente comerciantes, bancários e vários outros setores."

A dinâmica da sociedade industrial, que torna os interesses e a composição das classes cada vez mais diversificados, semeia vários desafios para a esquerda. De acordo com Marco Aurélio Nogueira, cientista político da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) de Araraquara, os grupos e classes hoje se fragmentam de forma exacerbada, ficando presos na defesa dos próprios interesses. "Isso retira a operacionalidade das instituições representativas, sobretudo dos partidos e sindicatos." Nogueira acha fundamental resgatar a importância da dimensão coletiva da vida: "É necessário encontrar formas de reatar o cidadão ao Estado, vinculando as instituições de representação às bases da sociedade."

SEM FRONTEIRAS

Para evitar que os sindicatos se tornem "egoístas", limitando-se a lutar pelas necessidades de sua categoria, o filósofo e sociólogo Wolfgang Leo Maar, da Universidade Federal de São Carlos, acentua que o próprio conceito de trabalho tem que mudar. "Pensa-se no trabalho apenas pela ótica capitalista, que é a da produção de valores", assinala ele. "No entanto, o trabalho é também o momento privilegiado de auto-realização humana." Segundo Maar, deve-se retomar a noção social do trabalho, a partir

Editora lança livros

A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE



ANTHONY GIDDENS

A DESINTEGRAÇÃO DO MONOLITO

BORIS KAGARLITSKY



UNESP

A Editora UNESP demonstrou, em Marília, sua agilidade editorial. Durante o encontro, dois livros de participantes estrangeiros foram lançados: *A Transformação da intimidade*, de Anthony Giddens, e *A desintegração do monolito*, de Boris Kagarlitsky. A primeira obra trata de temas como a sexualidade e o amor na sociedade moderna, enquanto a segunda focaliza a queda do regime soviético. "Estamos cumprindo nosso papel de introduzir no País autores de renome internacional, além de ampliar os horizontes da relação da Editora com a Universidade", explica José Castilho Marques Neto, editor-executivo da Editora, que aliás também fez parte da comissão organizadora do seminário.

Castilho assinala que, em cinco anos de vida, a Editora apresenta um catálogo de cinquenta livros publicados. "Além disso, editamos hoje dezenove títulos de revistas." Ele acrescenta que, ainda este ano, em colaboração com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, também serão editadas teses e pesquisas de docentes da UNESP, a partir de trabalhos selecionados das áreas de Humanas, Exatas e Biológicas. O editor-executivo espera lançar em média dois livros por mês em 93. Entre os títulos que em breve chegarão ao mercado estão *A invenção da liberdade*, de Jean Starobinski, *O azar e o caos*, de David Ruelle, e *O ideal da Universidade*, de Robert Paul Wolff.



Tragtemberg e Mandel: divergências sobre validade das ideias marxistas



Estande da Editora: sintonia com o evento

Ridenti: conceito amplo de trabalhador



Maar: trabalho como auto-realização humana

Fotos José Cordeiro

da qual os trabalhadores poderiam se unir de forma ampla e independente — ligando, por exemplo, os sindicatos aos partidos e movimentos sociais.

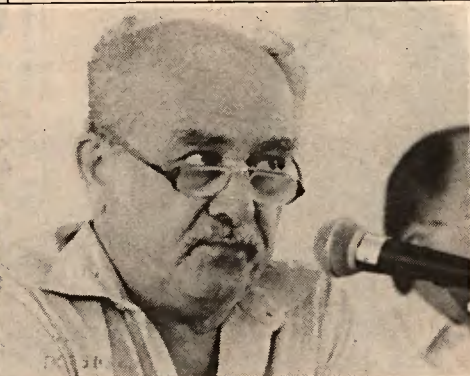
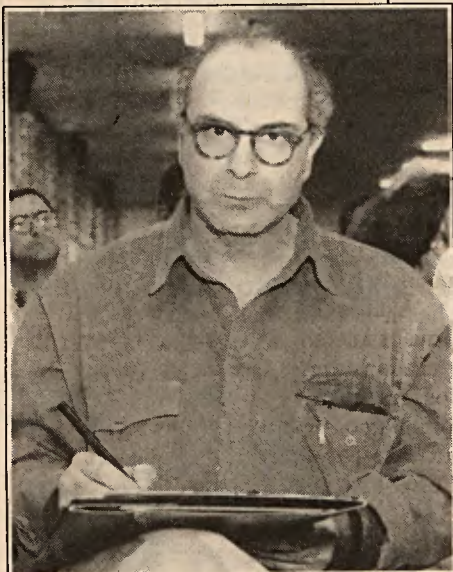
A proposta de uma organização dos trabalhadores que rompa as barreiras nacionais é o horizonte para onde apontam as análises de Elmar Altvater, da Universidade Livre de Berlim. O economista e sociólogo acentua que o capital, em todas as suas formas, está se internacionalizando. "Atualmente, o único mercado nacional é o do trabalho", explica ele. De acordo com Altvater, essa situação beneficia os grandes capitalistas, que tiram proveito das diferenças nacionais em questões como salário e horário de trabalho, para aumentar seus lucros. "Para alterar esse quadro, os trabalhadores devem criar, a partir de sua organização sindical, uma regulamentação supranacional para proteção e controle dos mercados de trabalho", propõe. O economista sugere ainda que, diante do desemprego causado por fatores como as novas tecnologias, os trabalhadores de todos os países adotem como reivindicação comum a redução da jornada de trabalho.

A mesma ênfase na criação de um mundo mais integrado delineou a intervenção de Giacomo Marramao, filósofo da Universidade de Nápolis, que defende a construção de uma democracia global fundada no respeito às tradições regionais. "Eu proponho um multiculturalismo dinâmico, em que as várias culturas possam interagir e trocar experiências concretas", esclarece. Marramao argumenta que o Ocidente não pode mais se ver como o portador de verdades universais, que por isso são impostas ao resto do mundo. "Precisamos estar abertos ao desafio do islamismo, por exemplo, que possui uma outra hierarquia de valores."

DEFESA DA ECOLOGIA

Outro expositor que destacou o surgimento de uma sociedade universal foi o sociólogo Anthony Giddens, da Universidade de Cambridge, cujo livro foi lançado durante o seminário (veja quadro na página anterior). Giddens declara que atualmente ocorre uma "globalização da existência", devido a fatores como a influência dos meios de comunicação. "Acontecimentos aparentemente distantes marcam o dia-a-dia de milhões de pessoas." Ao mesmo tempo, ele ressalta que há uma transformação da intimidade, já que os indivíduos não se submetem mais à tradição, mas precisam escolher a cada instante o que serão e como se relacionarão com os outros. "Todos os dias fazemos opções que definem o que somos, desde a escolha de um par de óculos até a manutenção ou não de um casamento." Devido a essa vinculação da vida íntima com os fenômenos universais, Giddens afirma que os homens e mulheres poderão criar uma nova sociedade, a partir das decisões tomadas no seu cotidiano (veja quadro nesta página).

Marramao: pelo contato entre as culturas



Pomer: história não confirma previsões

Isabel: seminário atraiu até argentinos



Lilo Cloreto

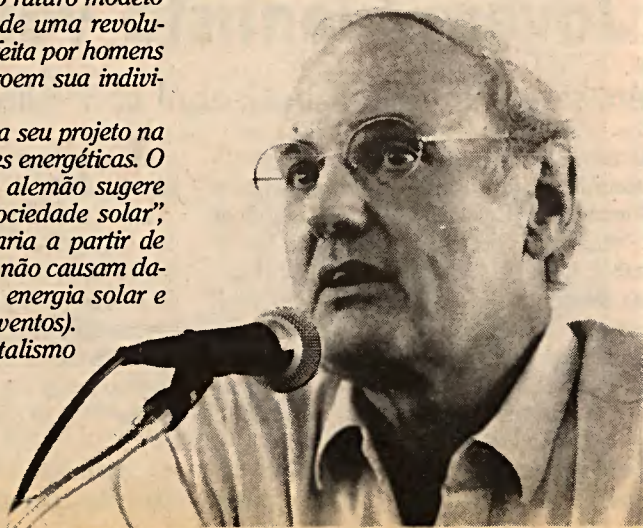
Novas utopias em Marília

O ideário da esquerda sempre foi frequentado por utopias, ou seja, projetos de sociedades radicalmente diferentes da que existe. No encontro de Marília, duas novas utopias foram apresentadas, uma por Anthony Giddens e outra por Elmar Altvater. Giddens propõe uma organização social alicerçada em relações de confiança, tanto entre indivíduos como entre comunidades. Essa sociedade substituiria o capitalismo, onde as pessoas se associam a partir de interesses econômicos. No novo contexto comunitário, de acordo com o sociólogo inglês, haveria uma "democracia das emoções" baseada no diálogo e no autoconhecimento. "Apenas quando conhecemos a nós mesmos temos condições de conhecer os outros", garante. Para ele, o futuro modelo sócio-cultural afloraria de uma revolução de comportamento, feita por homens e mulheres que reconstroem sua individualidade.

Altvater fundamenta seu projeto na utilização de novas fontes energéticas. O economista e sociólogo alemão sugere o que ele chama de "sociedade solar", cuja economia funcionaria a partir de energias renováveis, que não causam danos à natureza, como a energia solar e a eólica (que utiliza os ventos). Ele ressalta que o capitalismo depende das energias fósseis, principalmente do petróleo.

Altvater: em defesa da "sociedade solar"

"A exploração de tais recursos condena esse sistema à extinção já que, além de muito poluentes, eles não são renováveis." Altvater argumenta que energias como a solar iluminam a perspectiva de uma outra sociedade, porque fogem da lógica capitalista de acumulação de riquezas. "Essas energias, ao contrário do que acontece com o petróleo ou o carvão, não podem ser estocadas para depois serem vendidas." A fundação da "sociedade solar", de acordo com ele, não estaria ligada apenas ao desenvolvimento de tecnologias adequadas ao emprego de energias alternativas. Haveria também nessa mudança uma dimensão política, com a socialização dos meios de produção.



O fim das atuais fronteiras também foi o tema da exposição de Edgar de Assis Carvalho, da FCL/Araraquara. O antropólogo vê a necessidade da formação de uma consciência universal, que altere a relação que os seres humanos têm entre si e com a natureza. "O que está em jogo é a própria sobrevivência do planeta, já que os recursos naturais estão se esgotando." A preocupação ecológica de Carvalho foi compartilhada por outros participantes do encontro, entre eles Elmar Altvater, que defende uma sociedade baseada no uso de energias renováveis. Da mesma forma, o geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber — que por vários anos atuou na UNESP e hoje trabalha na Universidade de São Paulo — atacou os efeitos predatórios do capitalismo no Brasil: "A devastação das florestas e a redução da população indígena são duas das consequências mais evidentes", diz. Num discurso emocionado, Ab'Saber convocou os jovens presentes a defender a natureza e a população pobre "contra os abusos do pensamento burguês radical brasileiro".

De Giddens e Marramao, de Ab'Saber a Gorender, as idéias expostas em Marília apontam em muitas direções, mas têm em comum o sabor de atualidade. Essa é a conclusão de outro membro da comissão organizadora, o professor Tullo Vigevani, da FFC/Marília. "Touxemos para a UNESP alguns dos temas de ponta nas discussões do mundo intelectual", argumenta. Com convergências ou discordâncias acentuadas, as discussões do seminário mostraram que o pensamento socialista, sem dúvida, passa por dificuldades. Mas se mantém firme na busca de soluções que viabilizem sua aspiração fundamental: uma sociedade igualitária, sem as enormes disparidades entre seres humanos que hoje parecem se tornar um fenômeno banal e insuperável.

Equipe de assessores expõe idéias

Iniciada na edição passada, completamos aqui a exposição dos planos de trabalho dos assessores do reitor nas áreas Jurídica e de Comunicação e Imprensa

ASSESSORIA JURÍDICA

De olho nas leis

Ela ajudou a criar a UNESP no papel. Participou também do grupo que elaborou o primeiro Estatuto da Universidade e conhece a instituição como ninguém. Há 17 anos, Sandra Julien Miranda, 44 anos, ocupa o cargo de assessora jurídica chefe da Reitoria. Antes disso, trabalhou durante seis anos como assistente jurídica na Coordenadoria de Ensino Superior do Estado de São Paulo (Cesesp), órgão que coordenava os treze Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo e que viriam a constituir a UNESP, em 1976. Além de prestar consultoria jurídica ao reitor e formular pareceres técnicos sobre processos administrativos e jurídicos. Sandra também defende a UNESP em juízo. "Até hoje, das cerca de 600 ações jurídicas movidas pela Universidade, ou contra ela, tivemos ganho de causa em cerca de 90% dos processos", orgulha-se.

Para dar conta do recado — a administração jurídica de uma universidade multicampus —, a advogada, formada pela USP, com mestrado em Direito Administrativo, usa os serviços de cinco procuradores, que trabalham em Botucatu, Bauru, Guaratinguetá, São José dos Campos e Jaboticabal com a função de defender a Universidade nesses e nos outros nove câmpus restantes. No Interior, esses procuradores se responsabilizam por ações jurídicas e processos administrativos até a primeira instância. Quando os processos judiciais passam para a segunda instância, são julgados em São Paulo, Campinas ou Brasília. De acordo com Sandra, a maior parte dos processos movidos contra a UNESP se refere a vantagens pecuniárias — licença-prêmio, gratificação e outros benefícios extras por tempo de serviço — reclamadas pelos servidores, e as ações movidas pela Universidade dizem res-



Sandra, da AJ: em defesa da UNESP

peito, quase sempre, a indenizações pelos mais diferentes motivos: desde acidentes com carros oficiais até a não entrega de equipamentos. "Raríssimos processos referem-se a arbitrariedades cometidas pela Universidade", assegura.

A assessora faz questão de ressaltar, entretanto, que muitas pessoas ingressam com ações contra a UNESP sem contar com uma boa orientação jurídica. "No Interior, é frequente professores e funcionários passarem procurações sem conhecer muito bem seus direitos e seus advogados", alerta. Para contornar o problema e diminuir o número de consultas, a Assessoria Jurídica publica, desde 1987, *As Ementas*, resumos de pareceres jurídicos dos processos relatados na Universidade, que são atualizados a cada seis meses e distribuídos para toda a área administrativa. Desde 1990, a Assessoria lança também a *Revista da AJ*, divulgando os trabalhos jurídicos da Universidade. "A UNESP tem um corpo de advogados que atende os segmentos docentes, discente e técnico-administrativo e está à disposição de todas as unidades."

COMUNICAÇÃO E IMPRENSA

Divulgando a UNESP

O jornalista e sociólogo José Roberto Ferreira, 37 anos, reconduzido ao cargo de coordenador da Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), quer aperfeiçoar o diálogo com as unidades e ampliar a divulgação da produção científica e dos serviços prestados pela Universidade na mídia da capital e do interior. Desde que assumiu a Assessoria, em 1985, ele vem procurando tornar a UNESP mais conhecida. E já conseguiu colher bons frutos nesse sentido, como o aumento do espaço para a Universidade na grande imprensa. Idealizou e criou algumas publicações, como o *Jornal da UNESP* (1985), *Guia do Vestibulando* (1987), *Perfil da UNESP* (1988) e o *Guia de Profissões* (1992). Entre outras atividades, implantou, em 1990, o *Disque Vestibular*, serviço que, a partir do ano passado, foi transferido para a Unesp. Agora, a proposta é criar novas formas de contato com a imprensa e fazer reformulações nas publicações já existentes. "Nosso objetivo é potencializar ao máximo os instrumentos da chamada comunicação social, para que se possa estabelecer um diálogo maior e mais eficaz das unidades entre si e da Universidade, no seu conjunto, com a sociedade."

Na área de assessoria de imprensa, José Roberto tem projetos específicos para a capital e Interior. Para atingir a grande imprensa, vai implantar medidas que tenderão a aproximar os profissionais de comunicação da Universidade. Pretende lançar, também, ainda este ano, um informativo exclusivo para jornalistas, com sugestões de pauta sobre a produção científica e os serviços prestados pela Universidade. No caso do interior, a idéia é sistematizar o envio de *releases*, matérias especiais e artigos de docentes para os órgãos de imprensa.



José Roberto, da ACI: bons frutos

sa. "Já que a UNESP está distribuída pelo Interior, é natural que ele receba atenção especial."

O *Jornal da UNESP* também sofrerá alterações: haverá mudanças editoriais, com reportagens de interesse geral, sobre as quais a Universidade tenha algo a dizer, e textos específicos sobre os segmentos docente, discente e técnico-administrativo. Há projeto de montar ainda uma área comercial na ACI, para a captação de verbas através da venda de espaço publicitário nas publicações da Assessoria. "Estamos dependendo de estudos jurídicos para concretizar essa idéia", explica José Roberto. Neste ano, haverá uma nova edição do *Guia do Vestibulando*, a reedição do *Guia de Profissões* e será também refeito o *Perfil da UNESP*, publicação dirigida a um segmento qualificado. O projeto do *Noticiário*, um jornal com matérias sobre pesquisas feitas pela Universidade, destinado ao público leigo, já foi concebido editorialmente e está em fase de viabilização financeira, através de recursos externos.

Prêmio Jovem Cientista vai para a UNESP

Agrônomo recém-formado por Jaboticabal cria milho resistente e vence concurso

"Se o caranguejo só anda de lado, como é que ele faz para ir para a frente?". Quem já não ouviu essa chamada, repetida à exaustão pela Rede Globo para divulgar o Prêmio Jovem Cientista? Criado em 1981 pela Fundação Roberto Marinho e promovido pelo CNPq e Grupo Gerdau, o certame, considerado o mais importante do País no gênero, elegeu, em sua última edição, correspondente a 1992, o tema "Qualidade dos Alimentos e Saúde do Homem". A Comissão Julgadora, formada por professores, técnicos e pesquisadores da área, escolheu es-

te ano o trabalho do engenheiro agrônomo Josué Maldonado Ferreira, de 24 anos, recém-formado pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do câmpus de Jaboticabal. Josué Ferreira ficou em primeiro lugar na categoria "Graduados" por ter desenvolvido uma variedade de milho capaz de ser produzida em condições desfavoráveis de cultivo e com menor uso de insumos agrícolas.

A pesquisa de Josué começou em 1988 — quando o então estudante deu início à seleção de linhagens para recombiná-las e formar a atual população de milho —, e teve

orientação do professor José Roberto Moro, também da FCAV. O milho desenvolvido pelo aluno pode ser cultivado na presença de ervas daninhas e com baixos níveis de adubação, além de não precisar ser irrigado e de sobreviver a períodos de estiagem. Em comparação com as sementes de milho existentes no mercado, esta demonstrou excelentes resultados: em condições de estresse ambiental e baixo nível de insumos, foi obtida uma produtividade de três mil quilos por hectare, contra um mil e 700 quilos de híbridos comerciais. Em condições ótimas de culti-

vo, os materiais selecionados alcançaram até dez mil e 700 quilos por hectare, contra oito mil e 500 quilos dos híbridos comerciais. De acordo com um dos integrantes da Comissão Julgadora, Ernesto Paterniani, professor de Genética da Escola Superior de Agricultura Luis de Queiróz, de Piracicaba (USP), o trabalho de Josué destacou-se por pelo menos três motivos: "Atende agricultores sem condições de usar insumos, resiste à seca e pode ser utilizado como fonte genética para a obtenção de outras sementes mais resistentes."



Na contramão da história

Abolido da maioria das universidades, no mundo todo, o trote violento continua fazendo vítimas, algumas fatais, nas instituições brasileiras

Enquanto a sociedade civil, em escala internacional, se esforça para aprimorar mecanismos que garantam o respeito aos cidadãos e a preservação dos direitos do homem, na universidade brasileira persiste um tipo de prática que humilha a condição humana, avilta a cidadania e espanca o bom senso: o trote violento. Mesmo diante da condenação geral e irrestrita da sociedade, incluindo mesmo entidades estudantis, e já existindo práticas inovadoras, como o trote filantrópico ou o cultural, neste ano novamente os abusos contra calouros voltaram a eclodir em várias faculdades do País (veja quadro nesta página), com saldos lastimáveis. Na UNESP, por exemplo, dois alunos resolveram abandonar seus cursos, sob alegação de que ficaram traumatizados com o trote a que foram submetidos.

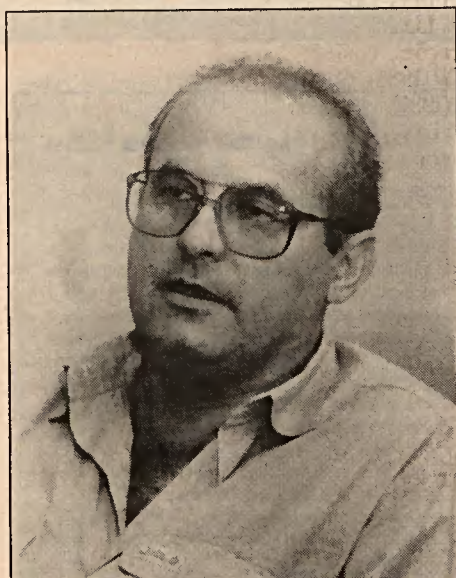
A primeira baixa foi a de Ugo Luis Boattini, 19 anos, que desistiu do curso de Engenharia Mecânica na Faculdade de Engenharia do câmpus de Guaratinguetá (FEG). Boattini se queixa de ter sido submetido ao chamado "sacômetro", no qual, junto com outros seis calouros, teve de se despir e amarrar um peso de sete quilos a seus órgãos genitais. De olhos vendados, ele deveria soltar o peso. Porém, antes disso, os veteranos cortavam o fio sem que o calouro percebesse. A segunda desistência aconteceu no curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina (FM), câmpus de Botucatu, onde uma aluna não quis mais comparecer às aulas depois de ser obrigada a ingerir bebida alcoólica por um grupo de veteranos. A garota era epilética e sofreu uma convulsão.

O pior é que a lista de incidentes denunciados não pára por aí. Outra estudante da Enfermagem de Botucatu, que não quis se identificar, abriu processo contra um veterano do mesmo curso, que a jogou numa poça de lama do estacionamento do câmpus, ajudado por mais quinze alunos. No câmpus de São José do Rio Preto, veteranos de Ciência da Computação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) acharam engraçado atirar calouros de todos os cursos na lama de um barranco. "Talvez por causa disso, nunca houve uma ausência tão grande de 'bichos' nas nossas festas de recepção como este ano", comenta Alexandre Zayat, o "Benga", coordenador regional do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Trotes que descem a ladeira do desrespeito produzem manifestações como a de Marco Antonio Rodrigues Barbosa, diretor da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo: "Isso é uma estupidez, uma violação aos direitos da pessoa humana". Da mesma forma que lideranças da sociedade civil, a população manifesta sua condenação a exageros que possam ter ocorrido. Assim que o caso da FEG foi divulgado pela *Folha de São Paulo*, um frigorífico de Aparecida do Nor-



Veteranos de Guaratinguetá: trote sob investigação



Carroci, da FEG: questionário aos calouros



Dinah, da FM: sindicâncias

te cancelou a doação de 60 quilos de carne para uma tradicional churrascada dos alunos da unidade. Autor do livro *O calvário dos carecas*, que focaliza a história do trote, o jornalista e escritor Glauco Mattoso lembra que práticas como o corte de cabelo podem ser admitidas. "Porém, os abusos devem ser contidos e os calouros precisam ter o direito de escolher se querem participar do que for promovido."

CASOS APURADOS

O episódio de Guaratinguetá tem pelo menos duas versões — a de Boattini e a de quem aplicou o trote. Num comunicado distribuído em março, os veteranos garantem que não forçaram o ex-aluno a nada. "Quando acabou a brincadeira, ele começou a rir e deu gritos para assustar os outros calouros que iriam passar pela mesma situação, conta Marcelo Souza Fernandez, 20 anos, do terceiro ano de Engenharia Elétrica. O calouro José Antonio Marciano, 20 anos, calouro de Engenharia Mecânica, assegura que a recepção aos novos alunos não foi violenta e serviu para integrá-los à faculdade. "A gente fica conhecendo pelo menos os veteranos que aplicaram o trote." Por outro lado, Boattini afirma que pediu para não participar das "brincadeiras". "Mas não tive escolha."

O reitor da UNESP, professor Arthur Roquete de Macedo, pediu ao diretor da FEG, professor Herman Jacobus Voorwald, a criação de uma comissão de professores e alunos para averiguar o que aconteceu. O grupo deve apresentar um parecer até o dia 22 de maio. "A Reitoria condena com veemência trotes violentos, de natureza física ou psicológica", acentua o reitor. De acordo com o professor Luiz Roberto Carroci, vice-diretor da FEG e presidente da comissão, foi também distribuído aos 150 calouros um questionário sobre o trote. "Os resultados serão interpretados por psicólogos", esclarece.

Dinah Borges de Almeida, diretora da FM, informa que foram abertas sindicâncias para apurar os dois casos registrados este ano. A professora Dinah enfatiza que é preciso tornar público todos os abusos contra os novos alunos. "Quando escondemos esse tipo de violência, estamos sendo coniventes com ela." Ela recorda que, desde o ano passado, a congregação da FM proibiu o trote, dentro ou fora do câmpus. O DCE também se mostra preocupado com as humilhações aos que ingressam na UNESP. "Embora cada unidade tenha autonomia para fazer sua recepção aos calouros, vamos tentar evitar casos de agressões no ano que vem", declara Maria Adelaide Pontes, coordenadora regional da entidade. Outro coordenador regional, Alexandre Zayat quer que a Reitoria dê maior apoio ao trote cultural promovido pelos estudantes. "Trotes violentos como os que acontecem principalmente nas áreas de Biológicas e Exatas são uma selvageria."

Traumas, escoriações. E mortes

Não é de hoje que a violência acompanha de perto a recepção aos calouros. Em 1980, na Universidade de Mogi das Cruzes (SP), o estudante Carlos Alberto de Souza, por recusar-se a receber o trote, foi barbaramente espancado por veteranos. Carlos, então com 20 anos, morreu após ficar seis dias em coma. Dez anos mais tarde, George Ferreira Matos, que ingressara na Fundação de Ensino Superior da cidade de Rio Verde (GO), foi encontrado morto depois de fugir de alunos que queriam cortar seu cabelo. Acredita-se que George sofreu ataque cardíaco ou aneurisma cerebral.

Com ou sem final trágico, os trotes violentos deixam marcas. Há dois anos, Luciene Mendes, então caloura do curso de Biologia da Organização

Santamarense de Educação e Cultura (Osec), foi submetida a uma verdadeira sessão de tortura. Os veteranos lambuzaram seu corpo com tinta, cortaram o seu cabelo e ameaçaram "aparrar" suas unhas com tesoura de jardinagem. Luciene foi obrigada a raspar a cabeça e acabou vitimada por uma forte alergia, devido ao solvente utilizado para retirar a tinta de seu corpo.

Este ano, a agressão sofrida por Fabíola Nunes Salgueiro, de 19 anos, na Faculdade Veiga de Almeida (RJ), chamou a atenção do País. Atacada por veteranos, ela passou três dias no hospital, com traumatismo craniano, escoriações e hematomas. A direção da instituição instaurou inquérito para identificar os responsáveis, que poderão ser expulsos.

Mais e melhores bolsas

O número ainda é insuficiente, mas medidas têm sido adotadas para que mais alunos possam ser melhor atendidos

Antonio Martins Neto, 23 anos, aluno do terceiro ano de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, é bolsista do Programa de Apoio ao Estudante, PAE. Ele ocupa também uma vaga na moradia universitária e vive exclusivamente do dinheiro da bolsa, que exige dele a dedicação de cinco a dez horas de trabalho junto a um professor. Poderia usufruir do restaurante universitário, mas o dinheiro não é suficiente: Martins se cotiza com outros alunos bolsistas e cozinha na própria moradia.

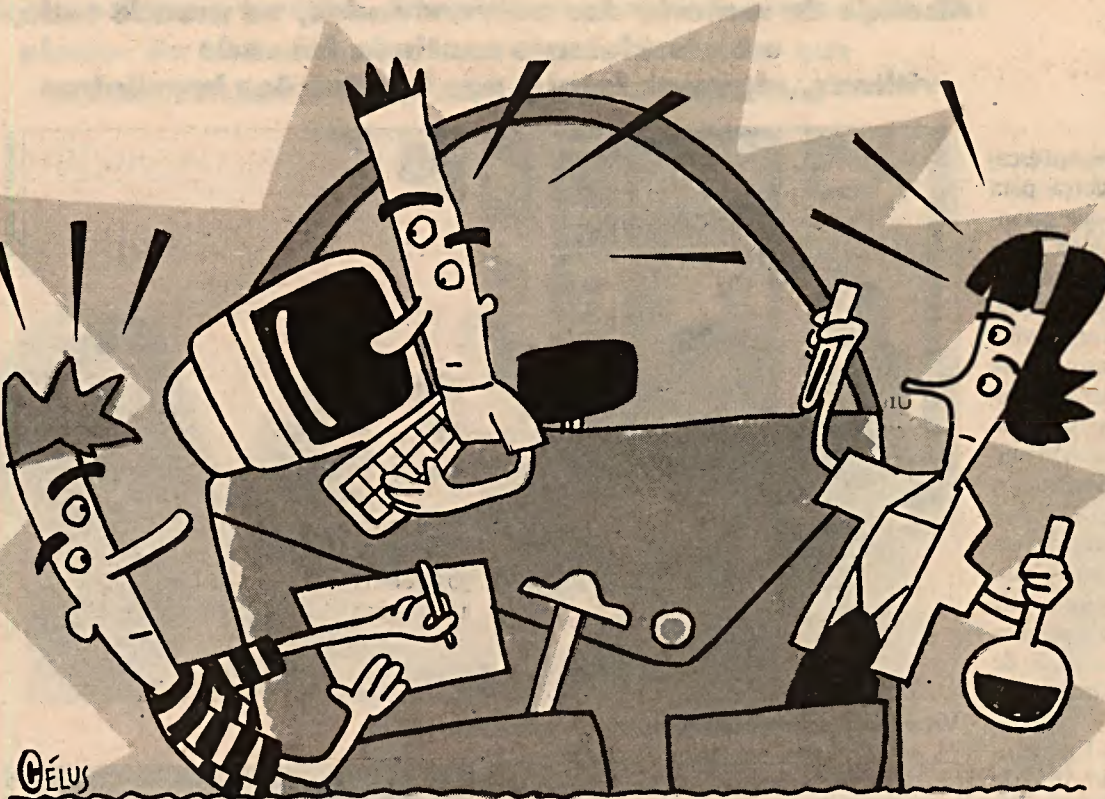
Conforme estimativa do PAE, cerca de dois mil estudantes da UNESP enfrentam as mesmas dificuldades de Martins, mas a Universidade pode oferecer 1.456 bolsas PAE, além de outras modalidades (veja quadro nesta página). Pensando nessa situação, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex) começou, a partir deste ano, a aliviar o impacto das bolsas no orçamento das unidades — que, até o ano passado, se responsabilizavam totalmente pelo ônus do programa —, custeando 1.000 delas. Além disso, aplica agora um novo critério para a distribuição desses auxílios, baseando-se no perfil sócio-econômico levantado pela Fundação para o Vestibular da UNESP, Vunesp.

“A primeira medida vai permitir que mais alunos possam ser beneficiados, e a segunda, que eles sejam atendidos de maneira mais adequada”, explica o pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, Vagner José Oliva. Ele reconhece que o ideal seria aumentar o número de bolsas. “Mas, dentro do orçamento atual, limitado pela queda de arrecadação do ICMS, o número de alunos auxiliados é bastante expressivo”, justifica.

Oliva ressalta que o novo critério de distribuição só será usado para os alunos que ingressaram neste ano. Isso significa que os recursos serão suficientes para a manutenção das bolsas dos veteranos, que contavam com o programa no ano passado. “A meta é corrigir gradualmente as distorções atuais até que só seja aplicado o índice mais condizente com o nível de carência existente”, esclarece o pró-reitor. Este nível de carência, em 1993, indica que os alunos com renda mensal até quatro salários mínimos estão distribuídos da seguinte forma: 9,53% na área de Ciências Humanas, 5,28% na área de Ciências Exatas e 2,78% na área de Biológicas. São alunos para quem a bolsa, apesar de pequena — em valores de abril, cerca de Cr\$ 2.000.000,00 —, é absolutamente necessária. “Sem esse dinheiro, eu não conseguiria prosseguir com os meus estudos”, pondera o bolsista Martins.

CARÊNCIA RECONHECIDA

Apesar das boas novas, a situação é igual na maioria das unidades da UNESP: há muito mais demanda pelas bolsas do que recursos para custeá-las. Laerte Miola, vice-diretor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto



e presidente da Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários local (Ceucac), diz que, com as bolsas que serão pagas pela Proex neste ano, sua unidade vai arcar com somente 20 das 57 que serão oferecidas. Entretanto, há cerca de 30 alunos com carência reconhecida na fila de espera. “Neste ano, diminuí o patamar de carência”, constata Miola. “No ano passado, chegamos a atender o aluno que tinha renda familiar *per capita* de 1,7 salário mínimo, e agora quem tem 1,2 ficou de fora.” Miola espera aumentar o número de bolsas para o ano que vem. “É provável que muitos destes alunos deixem de estudar”, diz.

Na Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 257 graduandos estão dentro do limite de quatro salários mínimos. Mas a previsão é que serão concedidas apenas 108 bolsas PAE. “Os alunos fizeram um abaixo-assinado pedindo ampliação, e o caso vai ser estudado pela Congregação”, informa Ilda Caruso, vice-diretora e presidente da Ceucac da unidade. Ilda diz que a direção da FCL está

tentando encontrar uma maneira de resolver o problema e adianta que pretende fazer uma campanha maciça para a divulgação de outros tipos de bolsa, como as de iniciação científica (veja texto nesta página). “A situação orçamentária não nos permite dispendir mais recursos.”

GINÁSTICA NO ORÇAMENTO

Tentar melhorar o orçamento não é só um desafio para a Reitoria e as diretorias das unidades, mas também para os alunos. Afinal, eles têm que fazer uma boa ginástica para conseguir viver com o dinheiro da bolsa. Júlio Miranda Osório, 28 anos, aluno do terceiro ano de composição e regência do Instituto de Artes, de São Paulo, está inscrito no programa PAE desde o primeiro ano. Na capital, onde o custo de vida é mais alto e há vários outros tipos

de dificuldades, o valor do benefício torna-se ainda mais baixo. “O dinheiro dá praticamente para a condução”, comenta Júlio, que mora com os pais e toma metrô e dois ônibus para chegar ao IA. “Mesmo assim, sem ele seria impossível estudar”, ressalta. Júlio fazia bicos como cantor, em casamentos, até o ano passado. “Mas a crise econômica atingiu em cheio a atividade”, lamenta. Como contrapartida, o aluno dedica de cinco a dez horas semanais organizando partituras e livros. Já Ana Lúcia Ferreira Cabral, 19 anos, do terceiro ano de Engenharia de Alimentos de São José do Rio Preto, diz estar cada vez mais difícil conseguir cumprir as suas atividades de contrapartida da bolsa, já que seu curso é de período integral. “Trabalhar, então, é absolutamente impossível”, diz Ana Lúcia, para quem a bolsa é, por enquanto, a garantia de continuidade de do curso.

Marcelo Burgos

Outros tipos de bolsas

Além dos 1.456 bolsas PAE, a UNESP dispõe ainda de outros tipos de remuneração ao estudante: 203 bolsas de monitoria — o aluno auxilia a professor numa atividade de ensino ou laboratório, desde que já tenha cursado uma determinada disciplina; 293 para a realização de estágio curricular obrigatório; 25 bolsas de auxílio ao estudante estrangeiro; 55 para estágio em informática; 3 bolsas de Estudo Especial — alunos em colaboração com a Orquestra de Câmara do UNESP —; 372 bolsas para auxílio-moradia de médicos residentes (medicina humana e veterinária e ciências agrárias) e 13 bolsas de aprimoramento para alunos formados na área de saúde (exceto medicina). A UNESP, através do PAE, cuida também dos 196 bolsos de estágio da Fundação do Desenvolvimento Administrativo, Fundap, para todas as áreas. Foi aprovada recentemente a bolsa de estágio de ensino (tipo estágio supervisionado) e concluídos os estudos para os bolsos de regente de coral (12) e de apoio ao estudante secundário (15).

A ajuda que vem das agências

Toma lá, dá cá. As bolsas de iniciação científica dão, sim, algum trabalho. Mas colocam no bolso do aluno de graduação uma quantia razoável de dinheiro para que ele possa se manter. “É fácil conseguir a bolsa, desde que se tenha um bom desempenho e um professor-doutor para orientação”, explica Flávio Fava de Moraes, diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp. Segundo Fava, cerca de 150 das mil bolsas de iniciação científica da instituição vão para a UNESP. O valor de cada bolsa, em abril, era Cr\$ 3.696.000,00. Fava explica que os gastos adicionais da pesquisa — material de laboratório, livros — são pedidos pelo orientador à Fapesp. Em relação ao tema, o aluno tem liberdade para escolher. “Ele pode tanto explorar uma questão para

lela dentro de uma pesquisa maior, como desenvolver um projeto individual”, explica Fava. Ao longo da pesquisa, relatórios semestrais informam o andamento dos trabalhos à instituição.

A UNESP também é uma das maiores participantes do Programa Especial de Treinamento (PET), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). São 142 bolsistas, escolhidos entre os alunos que têm melhor desempenho. “O PET dá uma visão de todas as disciplinas do curso ao aluno, que trabalha em grupo atividades de pesquisa, ensino e extensão”, diz Antônio Nilton da Rocha Pimenta, responsável pelo programa. O grupo pode ter de 4 a 12 alunos, que recebem, em valores de abril, Cr\$ 3.530.000,00, além da bolsa para o tutor

(orientador), que é de Cr\$ 7.060.000,00. Duas vezes por ano, o grupo ainda recebe dez vezes o valor da bolsa, para compra de equipamentos e livros. Os relatórios são também semestrais.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por sua vez, dá bolsas de graduação para a UNESP desde o ano passado. A Universidade conta atualmente com 203 alunos no seu programa, mas pleiteia o custeio de mais 700 projetos. O bolsista, que recebe neste mês a quantia de Cr\$ 3.810.000,00 pode participar a partir do segundo ano e não tem que enviar relatório para a instituição: anualmente, os dados são recolhidos e passados para o CNPq em um documento global.

(M.B.)

ADMINISTRAÇÃO

Descentralizar sem desintegrar

Conselho debate alterações estruturais

Como implementar a descentralização da UNESP sem que a Universidade se desintegre, voltando ao tempo dos institutos isolados? Esse será o assunto em pauta durante a reunião extraordinária do Conselho Universitário marcada para o próximo dia 28 de maio. A descentralização é a questão que mais preocupa as unidades universitárias dentro da Reestruturação Acadêmica e Administrativa, que está em discussão no CO.

A proposta de reestruturação acadêmica e administrativa da UNESP foi aprovada pelo C.O. em janeiro de 1991 e, desde então, vem sendo estudada com base em sugestões vindas das unidades. Além da descentralização, o mais preocupante, os institutos e faculdades elegeram, numa or-

dem decrescente de ocorrências, temas como avaliação, carreiras docente e técnico-administrativa, informatização, bibliotecas e fundações, que serão discutidos posteriormente.

Várias dessas matérias, porém, já estavam sendo estudadas em alguma instância universitária e a documentação a respeito será apresentada aos membros do Conselho Universitário. A avaliação, por exemplo, tem um projeto sendo desenvolvido pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária, inclusive com um piloto aplicado. E a questão da carreira técnico-administrativa está submetida à Comissão do Novo Plano de Carreira, constituída por portaria do reitor.

"Há, na UNESP, um sentimento de que a estrutura universitária é muito burocratizada", explica o vice-reitor Antonio Manoel dos Santos Silva. O professor, que é coordenador do Grupo de Trabalho responsável pelo estudo da reestruturação, afirma que o objetivo da descentralização é possibilitar um melhor fluxo dos processos, dando maior poder de decisão às faculdades e institutos. "Se houver total independência, as unidades adquirem a mesma autonomia de antes da constituição da UNESP. Porém, tudo centralizado, também, ninguém quer", sentencia. Durante a reunião do C.O., os conselheiros discutirão quais alterações serão possíveis na estrutura da Universidade e suas implicações, inclusive em nível de estatuto.

SEMINÁRIO

Os direitos humanos em debate

No próximo dia 19 de maio será realizado o Seminário UNESP de Direitos Humanos, na sala de reuniões do Conselho Universitário, na Reitoria. Promovido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, o evento deverá resultar na elaboração do projeto UNESP — Cidadania e Direitos Humanos, através do qual a Universidade vai estabelecer relações com entidades do Brasil e do Exterior que atuam nessas áreas.

A primeira parte do programa do seminário, a partir das 9 horas, será a apresentação dos conferencistas Roberto Romano, da Uni-

camp, Ricardo Balestrieri, da UFRS, e Mônica Himmel, presidenta da seção brasileira da Anistia Internacional. À tarde, os participantes se reúnem em grupos de estudos e, em seguida, fazem uma reunião plenária que contará com a participação de representantes da Anistia Internacional, OAB, CNBB e Comissão Estadual de Direitos Humanos, entre outras entidades.

O seminário está sendo organizado pelos professores José Vaidergorn, Leda Pedroso e Vera Valdemarim Gonçalves, todos do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.



Romano, da Unicamp: seminário na UNESP

CURRÍCULO

Educação Física e EPB, de volta

Neste ano a UNESP voltará a ministrar Educação Física e Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB) aos seus alunos. O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE), em reunião no dia 9 de março último, aprovou a reintegração das atividades — eliminadas do currículo em 1990 — já em 1994, além de um plano emergencial para o oferecimento de ambas, a partir de julho, aos formandos de 1993. A medida foi adotada para evitar que o Conselho Estadual de Educação barrasse o reconhecimento de novos cursos criados pela UNESP.

O CEPE decidiu suprimir as matérias do currículo há três anos, com base no princípio da autonomia universitária, instituída em 1988. Entretanto, o Conselho reviu sua posição e deliberou pelo retorno das duas atividades nos currículos de graduação enquanto não houver definição do projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases. "A UNESP trabalhou com uma possibilidade forte que se enunciava, que era a aprovação da LDB, que ainda não se concretizou", comenta a pró-reitora de Graduação, Maria Aparecida Viggiani Bicudo.



Aulas de Educação Física, a partir de 1994

VALE-REFEIÇÃO

Os tíquetes vão chegar mais cedo

A data de recebimento dos vales-refeição muda a partir do mês de maio. Em vez de serem entregues ao servidor no dia 10, como foi feito até aqui, eles serão repassados no dia 25. "A medida visa fazer o servidor ganhar 15 dias de inflação, além do benefício chegar até ele no final do mês, quando o salário já está acabando", explica o reitor

Arthur Roquete de Macedo. Ele salienta que, neste mês, os vales serão pagos nas duas datas, para que o servidor não fique sem o benefício. O reitor disse ainda que estão sendo concluídos os estudos para oferecer a opção entre vale-refeição e vale-alimentação, com o qual podem ser comprados mantimentos em supermercados.

EVENTOS

Tudo sobre esportes e odontologia

A Universidade promove, neste mês de maio, dois eventos, nas áreas de Odontologia e Educação Física. O primeiro deles, a XIII Jornada Acadêmica de Araçatuba, será realizado entre os dias 19 e 22 e visa o aprimoramento técnico e científico de acadêmicos de graduação e pós-graduação e o intercâmbio cultural entre as faculdades de Odontologia de todo o País. A promoção do encontro, que espera reunir cerca de 500 participantes, é do Departamento de Diagnóstico e Cirurgia da Faculdade de Odontologia de Araçatuba e do Diretório Acadêmico "Prof. Carlos Aldrovandi".

Com promoção do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências de Rio Claro, será realizado, no Centro Cultural daquela cidade, entre os dias 26 e 29, o IV Simpósio Paulista de Educação Física. Haverá, na ocasião, conferências e mesas-redondas em torno de temas como "A Relação Teoria e Prática no Ensino da Educação Física" e "Educação Física e Qualidade de Vida". Outras informações, pelo telefone (0195) 34-0244, ramal 104.

INAUGURAÇÃO

Alunos recebem sede para estudos

Os alunos dos cursos de Ciências Biológicas, Ecologia, Educação Física e Pedagogia do Instituto de Biociências (IB) do campus de Rio Claro têm, desde o dia 26 de março último, uma nova sede para seus centros acadêmicos e de estudos. Com uma área de 54 metros quadrados e três cômodos, o módulo, pré-fabricado, de madeira, está instalado no próprio campus, ao lado do restaurante universitário, e foi recebido com satisfação pelos estudantes que, antes, trabalhavam em uma sala de 18 metros quadrados.

"Há vários anos os estudantes pleiteavam um local mais adequado para suas entidades", conta Gustavo Maia Souza, aluno do 2º ano de Ciências Biológicas e presidente do Centro Acadêmico de Biologia, que divide uma das salas com o Centro de Estudos Pedagógicos. O Centro de Estudos Ecológicos está funcionando junto ao Centro Acadêmico de Educação Física e os quatro grupos elegeram a maior área como um espaço comum para reuniões, atividades culturais e arquivo. "A casa, que é uma doação do Instituto Florestal, foi repassada aos estudantes porque eles eram os que mais estavam necessitando de um espaço maior para trabalhar", explica o diretor do IB, Sérgio Nereu Pagano.

Errata

O Instituto de Artes do campus de São Paulo conta com 13 funcionários técnicos de apoio ao ensino e pesquisa, e não nove, como saiu na reportagem "Os ilustres desconhecidos da ciência", publicada na edição de abril do Jornal da UNESP.

CAMPANHA SALARIAL

O mês é de muita negociação

Cruesp determina índice mínimo de reajuste salarial de 42%

As negociações entre o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp) e o fórum das seis entidades de docentes e funcionários da UNESP, USP e Unicamp já apresentam resultados. Na reunião do último dia 6, ficou estabelecido um reajuste de 42% para o mês de maio. "Esse índice envolve a previsão de um percentual de inflação de 28% e cobre a defasagem salarial ocorrida desde maio de 92", esclarece Arthur Roque de Macedo, reitor da Unesp e atual presidente do Cruesp (veja reportagem nesta página). O professor Arthur ressalta que os 42% representam o maior aumento possível diante da atual disponibilidade de recursos. "Se durante o mês houver uma melhora na arrecadação de ICMS, poderemos rever esse índice." A reivindicação inicial de reajuste do fórum era de 75%.

Maria Valéria Veríssimo, vice-presidente da Associação dos Docentes da UNESP (Adunesp), acredita que no próximo encontro com o Cruesp, no dia 21, as entidades poderão elevar a cifra já obtida. "A arrecadação do ICMS em abril cresceu cerca de 29%, enquanto a inflação chegou a aproximadamente 27%, analisa. "Portanto, as universidades têm recursos para um aumento maior." Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da UNESP (Sintunesp), Rosa Aparecida da Silva declara que o fórum também



Rosa, presidente do Sintunesp: participação dos trabalhadores no plano de saúde

pretende garantir a definição de uma política salarial: "Essa política deve prever a recuperação das perdas sofridas nos últimos anos".

Já o Reitor da UNESP alerta que o comprometimento dos recursos universitários

com pagamento de professores e funcionários não pode ser excessivo. "Precisamos pensar acima de tudo no bom funcionamento da Universidade. "Ele assinala que o Cruesp não pretende aceitar a proposta do fórum de trocar o índice da Fi-

pe — que serve de base para o reajuste das três universidades — pelo ICV do DIESE.

Além da reunião geral do dia 21, estava previsto para a segunda semana de maio o encontro do professor Arthur com a Adunesp e o Sintunesp, para tratar das reivindicações específicas das duas entidades. Rosa, do Sintunesp, destaca que uma importante conquista feita este ano foi a garantia dos reitores de entregar os vales-refeições antecipadamente, no dia 25 de cada mês. Ela explica que entre as propostas de sua entidade estão a redução para 30 horas semanais da jornada de quem trabalha em turno ininterrupto, como enfermeiros. "Também lutamos pela aposentadoria aos 25 anos para funcionários de áreas insalubres e pela participação dos trabalhadores na elaboração de um plano de saúde para a Universidade."

A pauta da Adunesp inclui itens como a implantação e manutenção pela Reitoria das creches em todos os câmpus, garantia de afastamento integral para docentes que cursam pós-graduação e criação de um seguro de vida e acidentes pessoais para casos como acidentes em viagens de trabalho. "Queremos ainda que as férias sejam pagas no dia anterior à saída do funcionário e não mais no quarto dia útil do mês", diz Valéria.

CONVÊNIO

Interação com o poder público

Ao assinar um convênio pioneiro com a Prefeitura de Araraquara, no dia 12 de abril, a UNESP pode ter dado um passo importante no sentido de aprimorar sua articulação com o Interior do Estado. O convênio, neste momento, não especifica nenhum projeto, mas abre as perspectivas de infinitas interações entre aquela prefeitura e a Universidade toda (não apenas com as unidades de Araraquara) nos campos da cooperação técnica, científica e cultural. "Trata-se de um instrumento formal distinto de relacionamento entre a UNESP e uma prefeitura e, ao mesmo tempo, traz dentro de si uma política muito bem definida por parte da nova Reitoria. A partir de agora, a Prefeitura de Araraquara poderá acionar, através de projetos específicos, ações de cooperação com qualquer uma das 24 unidades unespianas", explicou o professor Márcio Costa, chefe de gabinete da Reitoria.

As quatro unidades do câmpus de Araraquara já mantêm um estreito relacionamento com a prefeitura, e a intenção do prefeito Roberto Massafra é ampliar os campos de atuação conjunta. "Queremos encontrar, com o apoio de docentes e pesquisadores, a solução para os problemas que temos na cidade. Dessa forma, a Universidade estará



O reitor e o prefeito Massafra: cooperação

transferindo o estoque de conhecimento que tem acumulado em benefício da sociedade", disse.

PÓLO TECNOLÓGICO

Além de possibilitar a formalização, por exemplo, da colaboração de docentes da área de Educação nos projetos da rede municipal de ensino ou do atendimento à população carente no laboratório de análises clínicas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, atividades desenvolvidas já há algum tempo, o convênio recém-assinado será o

instrumento que tornará viável uma experiência ainda inédita na UNESP: a criação de um pólo de transferência de tecnologia em Araraquara. O seu formato ainda está sendo estudado, mas os objetivos principais estão delineados: reforçar a capacidade tecnológica das indústrias locais, incentivar o surgimento de novas indústrias e, com isso, gerar novos empregos na cidade.

O projeto conta com o apoio das lideranças políticas da região — deputados Jayme Gimenez e Dimas Ramalho, estaduais, presentes ao ato de assinatura do convênio, e Marcelo Barbieri, federal —, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado e da Reitoria da UNESP. Para o professor Arthur Macedo,

o País precisará, para superar seus graves problemas sociais, aliar "competitividade com qualidade e modernidade, mas isso somente se consegue com a participação da sociedade organizada", disse. E ele vê, na ação conjunta da Universidade com uma prefeitura municipal, um dos caminhos para se chegar à solução de vários problemas. Além disso, o reitor acredita que cabe ao Interior de São Paulo apontar diretrizes para as demais regiões do País, uma vez que ele é responsável por 51% do PIB paulista e 18% do nacional.

Nosso reitor preside Cruesp

O reitor da UNESP, Arthur Roque de Macedo, é o novo presidente do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas, Cruesp. O cargo foi transferido ao professor Arthur pelo ex-presidente, Carlos Vogt, reitor da Unicamp, no último dia 2 de abril. Ele permanecerá um ano frente ao conselho que tem entre seus objetivos resguardar a autonomia universitária e fortalecer a interação entre as três instituições — UNESP, USP e Unicamp.

Segundo Arthur, há algumas prioridades na sua gestão no Cruesp. "Estabelecer o projeto para a criação de um sistema universitário paulista e discutir o regime jurídico único são algumas delas", detalha o reitor. O professor Arthur disse ainda que considera fundamentais a concretização de um projeto global de informatização e de um plano de saúde envolvendo as universidades.

O Cruesp foi criado em 1986 e é um órgão do gabinete do governador. Além dos três reitores, participam do Conselho o Secretário da Ciência e Tecnologia e o Secretário da Educação. Entre outras atribuições, é tarefa do Cruesp determinar os índices de aumentos mensais dos docentes e funcionários das três universidades estaduais públicas, de acordo com a arrecadação do ICMS, aprovado depois pelo Conselho.

COMEMORAÇÃO

Botucatu em festa

Com o objetivo de ser uma instituição de ensino de alta qualidade, nascia, há exatos 30 anos, a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu. De um único prédio, a antiga FCMBB desdobrou-se em um complexo universitário, com quatro unidades: a Faculdade de Ciências Agrônômicas, cuja infraestrutura inclui três fazendas; a Faculdade de Medicina, que tem o curso mais procurado do País; a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, única que oferece residência a recém-formados; e o Instituto de Biociências, que oferece, entre outros serviços, atendimento toxicológico e aconselhamento genético à população.

"A idéia de se fazer uma escola dinâmica, integrada e de alta produtividade vingou", garante a professora Dinah Borges de Almeida, diretora da Faculdade de Medicina e presidente do grupo administrativo do câmpus (GAC), responsável pelas comemorações do aniversário da FCMBB, que começaram no último dia 26 de abril. Dinah lembrou ainda que, nesse tempo relativamente pequeno, o câmpus de Botucatu desenvolveu uma invejável infraestrutura, que inclui dois hospitais:

o Hospital das Clínicas e o de Medicina Veterinária.

Outro ponto a ser destacado, segundo Dinah, foi o fato de os docentes e pesquisadores dos vários cursos terem trabalhado lado a lado de 1963 a 1976, antes do desmembramento das unidades. "Isso certamente contribuiu para a excelência que temos hoje em todas as áreas", diz. "E nosso objetivo é continuarmos integrados como naquela época."

Para lembrar a data, haverá vários eventos ao longo do ano, inclusive reuniões de ex-alunos. No último dia 26, foram entregues diplomas para mestres e doutores titulados a partir de 1983. Também foram conferidos títulos de professores eméritos a Cecília Magaldi e Lourival de Lucca e de servidores eméritos a Ulisses Massaglia e José Pinto, além de terem sido prestadas homenagens a famílias que contribuíram com a instituição. No dia 27, houve uma solenidade na qual os diretores firmaram a união das quatro unidades e homenagearam o professor Arthur Roquete de Macedo, primeiro aluno do câmpus a ocupar o cargo de reitor.



Câmpus de Rubião Júnior, em Botucatu: três décadas de dinamismo e integração

Lilo Claret

PRÊMIOS

Perfume de inseto

E o prêmio foi para Geraldo Papa, professor do Departamento de Biologia do curso de Agronomia de Ilha Solteira, por seu trabalho sobre o manejo do bicudo. Principal praga do algodão, capaz de devastar toda uma lavoura, a ponto de não deixar fios de algodão suficientes para cobrir a cabeça de um cotonete, o bicudo, ou *Anthonomus grandis*, segundo a hipótese mais provável, desembarcou em Viracopos, em 1982, em vôo procedente dos Estados Unidos — onde destrói plantações desde o início do século. Inseto extremamente gregário, comunica-se com outros de sua espécie exalando um perfume conhecido como feromônio. E foi justamente a partir desse perfume que o professor Papa idealizou um plano para combater o bichinho. O plano é um verdadeiro ovo de Colombo: sintetizado em laboratório, o feromônio é espalhado em torno de plantações de algodão. Interpretando o cheiro como um chamado, os bicudos rumam para lá, onde são controlados com facilidade. "Essa técnica reduz de oito para

quatro as aplicações de defensivos", explica Papa. "Com isso, além da evidente economia, poupa-se também o ambiente de agressões desnecessárias." O esforço do agrônomo foi reconhecido pela Associação Nacional de Defesa Vegetal, Andef, que lhe entregou, no último dia 14 de abril, um prêmio no valor de US\$ 3 mil.

PROFISSIONAL DO ANO

Pela importância social de sua tese de mestrado, "Sistema de irrigação com tubos de bambu", o professor Eduardo Luiz de Oliveira, da Faculdade de Engenharia e Tecnologia de Bauru, foi agraciado, em fevereiro último, com o troféu "Profissional do Ano de 1992", oferecido pela Associação de Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Bauru. O trabalho é um programa de irrigação de baixo custo, que utiliza apenas pedaços de bambu e algumas peças de borracha e plástico para criar um sistema de condução de água nas plantações. "Criamos uma tecnologia simples para o homem de baixa renda do campo", diz Oliveira.

José Cordeiro



Michelin, entre o reitor e o vice: apoio às universidades continua sendo prioridade

C&T

Secretário visita UNESP

O Secretário de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, Luiz Péricles Muniz Michelin, disse, em visita à Reitoria da UNESP, no último dia 23 de abril, que pretende fazer com que sua secretaria auxilie na interligação entre universidade e indústria. Proveniente da área empresarial, Michelin, que foi empossado no dia 2 de abril, ressaltou que o setor deveria procurar muito mais as universidades do que vem fazendo. "Por outro lado, a postura das instituições universitárias é bem diferente", ponderou. "Eles vêem a área privada como um complemento de suas atividades."

Recebido pelo reitor, Arthur Roquete de Macedo, pelo vice-reitor, Antonio Manoel dos Santos Silva, e pelo pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, Vagner José Oliva, o secretário afirmou ainda, na ocasião, que não pretende mudar a linha de ação que

vinha sendo empreendida por sua pasta. "Vamos apenas eleger algumas prioridades, já que temos somente um ano e alguns meses de mandato pela frente", disse. O apoio às universidades, segundo Michelin, continuará sendo uma das principais preocupações da Secretaria: "É preciso desenvolver um trabalho conjunto, onde haja a maior transparência e máxima colaboração entre universidades e Governo".

Michelin, que substitui Luiz Carlos Delben Leite — agora presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, BNDES —, é também segundo presidente do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo) e delegado do Sindimaq (Sindicato Nacional da Indústria de Máquinas). Já exerceu a presidência da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), de 1991 a 1992, e ocupou a diretoria de várias empresas do setor.

HOMENAGEM

SBPC rende tributo a Sala

Por sua contribuição à ciência, o físico Oscar Sala foi homenageado, no último dia 20 de abril, em cerimônia promovida pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Academia Brasileira de Ciência, Academia de Ciências do Estado de São Paulo e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. O evento, realizado no auditório da Fapesp, em São Paulo, reuniu cerca de 150 pessoas, entre autoridades e pesquisadores. "A consolidação da Fapesp deveu-se, em parte, ao trabalho realizado pelo professor Oscar Sala", declarou, na ocasião, o pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa da UNESP, José Ribeiro Jr., que representou o reitor na solenidade.

Formado pela USP, em 1945, Oscar Sala, 71 anos, ocupou inúmeros cargos de destaque. Foi diretor-científico da Fapesp (1969/75); presidente da SBPC (1973/79); presidente da Associação das Sociedades para o Progresso da Ciência das Américas (1975/79); diretor-científico do CNPq (1979/80); presidente da Academia de Ciências do Estado de São



Sala: serviços prestados à ciência

Paulo (1985/87). Em sua área, Sala foi responsável pelos projetos de construção do acelerador eletrostático e expansão do acelerador Pelletron, ambos na USP. Atualmente, ele preside a Academia Brasileira de Ciências e trabalha no Instituto de Física da USP.

José Cordeiro

O bicho-papão não assusta mais

A doença, velha conhecida das crianças, tem sido combatida, com sucesso, através de exercícios e a prática regular da natação

De cada cem pessoas, crianças, principalmente, pelo menos seis enfrentam ou já enfrentaram a doença. Qual bicho-papão, sempre à espreita, a asma ataca o sistema respiratório provocando uma série de sintomas, que podem restringir-se a incômodas chiadeiras no peito e crises de tosse ou, em alguns casos, raros, levar o paciente à morte, por asfixia. Mas esse inimigo crônico de alvéolos, brônquios e pulmões pode ter seu poder de fogo seriamente comprometido com auxílio de simples exercícios respiratórios e a prática regular da natação. "Com esses recursos, em menos de seis meses 60 a 70% dos pacientes apresentam sensível melhora", garante Geraldo de Oliveira Barbosa, especialista em medicina esportiva do Instituto de Biociências do câmpus de Rio Claro. Geraldo fala com conhecimento de causa. Afinal, ao lado da professora de Educação Física Irene Rangel Betti, ele vem desenvolvendo, desde o início de 1990, um amplo trabalho junto a crianças asmáticas. "Há casos onde o paciente praticamente deixa de ter crises e passa a levar uma vida normal, como qualquer outra pessoa."

Na pesquisa que deu origem ao trabalho, desenvolvida entre fevereiro e dezembro de 1990, a dupla contou com a colaboração de 33 crianças, divididas em dois grupos (experimental e controle), com idades entre 6 e 11 anos, e os resultados foram animadores. "A ginástica respiratória é capaz de prevenir, controlar e até evitar uma crise asmática", afirma Irene Betti, com base em avaliações clínicas das crianças submetidas à terapia.

Os frutos colhidos foram tão promissores que os especialistas vêm trabalhando, há seis meses, a pedido dos pais, com um novo grupo de asmáticos. Hoje, participam das atividades 115 pacientes, entre crianças e adolescentes, distribuídos nas instalações do Instituto de Biociências da UNESP, em dois centros esportivos da prefeitura municipal e nas dependências do Serviço Social da Indústria (Sesi) da cidade. Nesses locais, duas vezes por semana, durante uma hora e meia, os asmáticos aprendem a lidar com a doença e descobrem que, afinal, o bicho não é tão papão assim.

REAPRENDENDO A RESPIRAR

"O programa consiste em quarenta e cinco minutos de ginástica e outros tantos de natação", explica Ana Maria Cabral de Oliveira, professora de Educação Física que coordena as atividades na UNESP e na prefeitura. Na primeira etapa da terapia, os alunos realizam uma série de exercícios — todos com controle da respiração. "Os exercícios empregam a inspiração nasal e dão ênfase, principalmente, à expiração bucal." A segunda parte é dedicada à natação tradicional, substituída nos meses de inverno por atividades de salão.

A reeducação respiratória propicia melhor respiração, contribui na prevenção de problemas de postura e aumenta a resistência orgânica. Psicologicamente, o recurso traz autoconfiança à criança que, em geral, devido à doença, costuma ser tímida e in-



A reeducação respiratória através da natação: prevenção da asma e resistência orgânica

Foto: José Cordeiro

segura. "O fator emocional é fundamental no controle da crise asmática", comenta professora Irene. "Quando a criança que pratica exercícios respiratórios percebe os primeiros sintomas de uma crise asmática, coloca em prática as técnicas que aprendeu conta. "Não basta tratar a crise, é preciso ensinar o asmático a prevenir-se contra ela."

Os resultados das técnicas respiratórias podem ser observados em pouco tempo. "Após um ano de tratamento, 80 a 90% das crianças conseguem reduzir o número e a intensidade das crises", conta Geraldo Barbosa. "Algumas vezes, livramos completamente a criança das crises."

O menino Néelson de Oliveira, 9 anos, natural de Rio Claro, por exemplo, é a prova de que a terapia dá certo. Vítima de bronquite asmática de fundo alérgico desde os 2 anos, Néelson submeteu-se a inúmeros tratamentos — passou pela alopatia, homeopatia e chegou a recorrer até às "simpatias" sem resultado. "Após o curso de reeducação respiratória, as crises tornaram-se raras", diz Maria Madalena de Oliveira, mãe do menino. "Hoje, Néelson tem uma ou outra crise no inverno", diz. Dispensado da terapia respiratória, Néelson pratica sozinho os exercícios aprendidos e continua frequentando o curso de natação. "Graças à reeducação respiratória, nossa vida tornou-se bem mais tranquila", conclui a mãe, satisfeita.

Emi Shimizu

Serviço

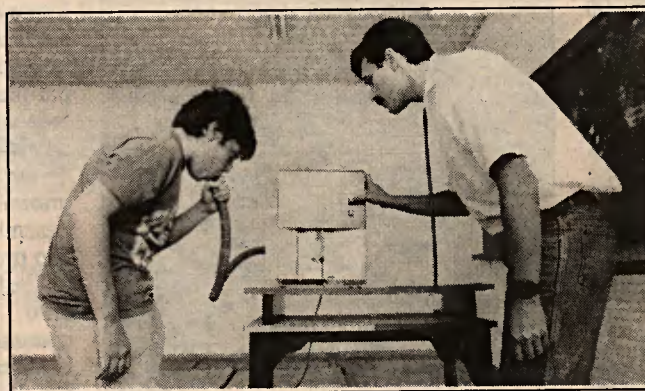
Outras informações sobre o programa de reeducação respiratória para asmáticos podem ser obtidas na Faculdade de Educação Física da UNESP: Tel. (0195) 34-0244 r. 160; Prefeitura Municipal de Rio Claro: Tel. (0195) 34-5544 r. 155; e SESI de Rio Claro: Tel. (0195) 34-9120.

O mal não tem cura, mas pode ser evitado

A asma brônquica é uma doença pulmonar crônica que pode atacar qualquer pessoa, criança ou adulto. Durante uma crise asmática, o paciente tem dificuldade para respirar, pois o canal (ou ducto) por onde o ar chega aos brônquios fica com seu diâmetro reduzido. Isso ocorre porque a musculatura que envolve esses ductos reage violentamente a qualquer estímulo externo (umidade do ar, quedas de temperatura, poeira, pêlo de animais), enrijecendo-se e provocando o que se conhece como bronco-espasmo. Ao inspirar, o asmático faz uma força enorme para abrir a caixa torácica e puxar o ar. Ao expirar, a musculatura se contrai, fechando o calibre dos brônquios e retendo o ar. "A dificuldade do asmático não é inspirar, mas expelir o ar, o que causa o conhecido 'chiado' que o asmático apresenta durante a crise", observa o médico Geraldo Barbosa.

O distúrbio, que atinge cerca de 6% da população mundial, pode ser classificado em dois tipos: extrínseco e intrínseco. O primeiro ocorre com maior frequência na infância e é desencadeado por fatores alérgicos (poeira, pêlos, fios de lã). O segundo costuma surgir após os 30 anos e não tem causa definida. Acredita-se que as crises asmáticas também possam ter origem psíquica (ansiedade, insegurança, falta de afeto) ou serem

cações cardíacas até mudanças de comportamento, como timidez e insegurança. O problema pode trazer também consequências familiares e sociais. "A família fica desgastada, sempre preocupada com a possibilidade de uma nova crise", diz Irene Betti.



Barbosa, do IB: vida normal após os exercícios

deflagradas por doenças infecciosas (gripe, laringite, amigdalite).

As consequências das crises asmáticas vão desde deformações torácicas provocadas pela dificuldade respiratória e compli-

preventiva, vacinas específicas, de acordo com o fator alergênico (provocador de alergia). Até o momento, não existe tratamento que cure definitivamente a doença.

(E.S.)